

“O CAMPO DA MEMÓRIA E AS OBRAS DOS MEMORIALISTAS NA INSTRUÇÃO PARAIBANA DO OITOCENTOS”

Maday de Souza Morais¹

Este trabalho tem como finalidade enunciar sobre os memorialistas refletindo pontos acerca da diversidade do entendimento da memória, levando consigo a temática da instrução pública no período imperial. As fontes analisadas trazem em seu corpo a história de cinco cidades – Areia (1980), Campina Grande (1988), Mamanguape (1986), Caiçara (1990) e Patos (2003) – que no geral tratam de suas estruturas mais introdutórias até o presente século, demonstrando os setores sociais, políticos, econômicos e culturais que se desenrolam nos valores e atribuições dessas localidades.

O que se procura enunciar são as práticas das narrativas memorialísticas de acordo com as experiências do lembrar e do esquecer. E para isso, chegaremos a expor de maneira breve a notável diferenciação de se trabalhar com a história e a memória como a “resposta do indivíduo ao seu vivido”, a arte dos memorialistas, e os que identificam esse processo formador das identidades através de relatos orais (entrevistas, depoimentos, história de vida, entre outros).

A narrativa que envolve o memorialista está envolvida por diversas simbologias que se entrelaçam desde os sentimentos de saudosismo, de preocupações históricas relativas à perda do passado, a seletividade da memória, os encantamentos, as ambigüidades, a relação com a história oficial, seus silêncios, seus níveis de expressão, às suas interpretações de mundo, que revela o caráter altamente subjetivo de suas produções.

Esta escrita é muito questionada quanto a sua qualificação no desenrolar de suas fontes, que muitas vezes, não são apresentadas ao leitor. Outra vertente curiosa sobre o estudo dos memorialistas é o valor atribuído as lembranças dos velhos, que durante muito tempo foram relegados a estes o espaço vinculado à sabedoria, de acordo com seus testemunhos. Os memorialistas apresentados nesse trabalho podem ter trabalhado com a história oral, mas a sua produção se baseia firmemente em suas próprias lembranças. Almeida (1980, p. XIII) afirma:

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora PIBIC/UFPB/CNPq, vinculada ao projeto de pesquisa “As escritas da História sobre a instrução na Parahyba oitocentista”, orientado pela professora Cláudia Engler Cury. Contato: madahistoria_jp@hotmail.com

Os velhos que sabiam de muita coisa do passado, morreram. Os moços, que tomaram o seu lugar, já agora na casa dos setenta, ignoram, via de regra, quem foram seus avós. (...) em muitos capítulos pude dizer alguma coisa nova, mostrando aspectos de vida não revelados até hoje. Noutros há o restabelecimento de quadros históricos, que se apresentavam deformados por interpretações inverídicas que, de tão repetidas, já haviam adquirido cunho de autenticidade (...).

Esta citação nos revela as dificuldades de se trabalhar com a memória, ainda mais quando se trata de distantes épocas históricas. Outro ponto relevante é a permanências de certas perspectivas da história formadas há muito tempo e que continuam estabelecendo os padrões tradicionais nas mentalidades das pessoas, tendo em vista que a documentação oficial presente em muitos dos arquivos brasileiros merecem diversos olhares para a sua real interpretação, muitas vezes escondidas nas entrelinhas dessas fontes.

Através das freqüentes reflexões e releituras, a memória deve a todo instante ser interligada a história, tendo em vista que a primeira é uma das fontes para a formulação do processo histórico. A memória está sujeita aos apelos emocionais, a persuasão do delator, ao “fraquejamento” da fonte. É preciso que o historiador esteja atento as trilhas formuladas pelos memorialistas, pelos autores dos relatos orais, enfim, por todos os indivíduos que se embasam sobre o campo da memória, esta linguagem tão complexa e estimulante, determinadora de grandiosas produções que ilustram a cultura popular e as academias.

Segundo Montenegro (2003, p. 195), “memória não é registro, memória é construção, é elaboração (...)”. A memória é um instrumento social. Cabe aqui lembrar as diferentes intempéries que se passa nos processos memorialísticos de cada indivíduo ao longo do tempo, tendo em vista que há alterações nas interpretações e “resignificações” dos fatos de acordo com a distância desses acontecimentos; as formulações memorialísticas estão altamente direcionadas à dimensão involuntária, que permite a entrada de outros *flashes* deixando ou não a “conversa” mais interessante; a unidade da memória é outra abrangência de suas peculiaridades, pois ela pode estar voltada as diversas noções de temporalidades interligando os acontecimentos de acordo

com seus instrumentos de relevância ou fragmentando-os totalmente. Há que considerar também a memória dos “ressentidos”, daqueles que não aceitam a mudança da narrativa, tendo como consequência a ausência da aprendizagem, pois não houve transformação na mentalidade ou nas práticas do indivíduo.

O advento da fotografia no século XIX também representou uma agravante na instituição das lembranças que conquistariam maior disponibilidade da memória. A produção fotográfica se tornaria um objeto de pesquisa através da sua forma de refletir a realidade, se generalizando como uma representação histórica para a análise de historiadores, como também para os memorialistas que se utilizam desse meio para a ilustração de suas (re) construções históricas. Todavia Kossoy (1941, p. 114) alerta para algo:

Apesar do amplo potencial de informações contido na imagem, ela não substitui a realidade como se deu no passado (...). a fotografia ou um conjunto de fotografias apenas congelam, nos limites do plano da imagem, fragmentos desconectados de um instante de vida das pessoas (...).

Com nossos sentidos, recortes e referências mexemos em nossa memória e construímos nosso laço de segurança em relação ao passado. E para se construir a história é necessário que o processo de resignificação continue na marcha das desmistificações e críticas nos mundos da memória. Pereira (2009, p. 119) nos diz que:

Instituindo relevo àquilo que filia a sua existência ao mundo, ao narrar a sua vivência o homem assegurou grandeza a atos individuais e coletivos, assentindo para a importância de preservar para o futuro a memória, na qual fecunda a tradição (...) o trânsito das palavras no discurso interdita e resignifica a realidade, preservando não apenas as ações históricas, mas reitera o sustentáculo de subjetividade que mantém a ligação entre o homem e a experiência (...).

Construir a história de qualquer espaço-temporal requer paciência, disponibilidades e encontros significativos com as fontes e as memórias, seja ela disposta em arquivos ou no meio das ruas. Os diálogos com as recordações devem ser intensos permitindo novos olhares, desnordeando-se do cunho da oficialidade histórica.

Não se trata de forçar uma ruptura com o passado ou um mero empréstimo de um novo sentido, mas um resultado de uma profunda análise memorialística que se distinga desta dedicação dos nobres e influentes homens da terra (a história dos grandes homens), descrevendo também que a maioria silenciosa também faz parte da história. Nestes circuitos históricos há uma caracterização do passado no presente, como do presente no passado. As produções seguem-se as releituras, as renovadas interpretações que traduzem os diferentes processos de compreensão. Podemos observar isso na seguinte observação:

Descrever sobre a vida de uma comunidade, no passado, nunca é suficiente. Principalmente quando se trata da vida histórica de uma cidade importante na sua cultura, no seu povo. Pois, cada vez que se relata fatos remanescentes, que se escreve o seu perfil, a sua estrutura física e a sua historiografia por parte de importantes escritores, nunca se chega a esgotar os assuntos sobre os eventos enfocados. [SILVA 1997, p. 9]

Outra característica que se destaca nessa citação é a importância dada ao movimento da escrita que acaba restaurando espaços, muitas vezes já perdidos, seja pelo esquecimento não intencional ou o abandono de suas recordações. Levando em consideração que a temporalidade abordada – a Paraíba oitocentista - em nossas pesquisas é marcada pela forte indisponibilidade de fontes, tratamos aqui do estudo dos memorialistas envolvendo-nos também no “vírus da literatura” como forma de alargar a temática e adicionar novas conexões desse período da história brasileira. Como nos diz Lucena (2003, p. 23): “O caminho faz a curva e a curva nos mostra o outro lado”.

Tabela 1. Obras compiladas no projeto “As Escritas da História sobre a Instrução na Parahyba oitocentista”

Obra	Autor	Ano
<i>Brejo de Areia – Memórias de um Município</i>	Horácio de Almeida	1980
<i>Datas campinenses</i>	Epaminondas	1988

	Câmara	
<i>Mamanguape, a Fênix Paraibana</i>	Adailton Coelho Costa	1986
<i>Caiçara – Caminhos de Almocreves</i>	Severino Ismael da Costa	1990
<i>Na rota do tempo - Datas, fatos e curiosidades da história de Patos/Paraíba.</i>	Flávio Sátiro Fernandes	2003

Estas obras possuem características em comum, entre elas está o uso de anexos - como hinos, imagens da cidade (colégios, cadeia, pessoas influentes, igrejas, praças, etc) e mapas -, a forte dedicação aos “filhos da terra”, expansão dos dias gloriosos, a abrangência da temporalidade abordada, a sua relação com os órgãos governamentais e produção como realização cultural para a localidade. São resultados de um apanhado bibliográfico que visa contribuir para o aspecto cultural e futuras pesquisas sobre estas cidades. Como afirma Montenegro (2008, p.194-195): “(...) a pesquisa, o cruzamento de fontes, enfim tudo que enseja a complexa operação historiográfica, só ocorre na hora em que se faz uma análise, quando se constrói uma narrativa histórica”.

Em seu conteúdo possuem indicações às aberturas e fechamentos das cadeiras de primeiras letras, criação de escolas, a estruturação do corpo docente, os padres-mestres, descrição de seus ordenados, pedidos de aposentadoria, a frequência dos alunos, a atuação das aulas mistas, do ensino Lancaster², nomeações de comissários, etc. e neste contexto educacional temos as consideráveis situações externas que afetavam o sistema da instrução pública, como as crises econômicas, fomentada pelas secas frequentes do século XIX e a fome matando grande número de pessoas, as revoltas e perseguições de cunho político, sendo estes um ambiente bastante inconstante.

² “(...) instrução proporcionada a um grupo de alunos mais adiantados, os quais se incumbiam de, por sua vez, instruir os demais colegas”, por Rios Filho (2009, p. 394).

Para a construção e interconexão das informações relativas a instrução paraibana no império foram consultados periódicos como os jornais encontrados no acervo do Instituto Histórico Geográfico Paraibano, representados na tabela³ abaixo:

Tabela 2. Relação dos jornais encontrados no IHGP

Nome	Matérias localizadas	Recorte
Arauto Parahybano	25	1888
A Imprensa	4	1858
A Opinião	29	1877
A Regeneração	140	1861-1862
A União Liberal	16	1879
Diario da Parahyba	147	1884-1885
Gazeta da Parahyba	268	1888-1889
Jornal da Parahyba	567	1881-1882-1883-1886-1887
O Despertador	1	1869
O Imparcial	55	1861
O Publicador	125	1884-1885-1886
Total de matérias localizadas	1377	

Os conteúdos presentes nesses periódicos conectados a instrução estão ligados a determinação de leis e decretos, notícias sobre professores, alunos, bibliotecas e clubes.

Diante dessas considerações realizadas na pesquisa dos memorialistas buscamos ampliar o tratamento com as fontes referentes à educação imperial parahybana relacionando estes novos recursos, como forma de enriquecer a tramitação desses documentos que nos levam ao universo da memória.

³ Tabela presente no relatório parcial do projeto de iniciação científica *As Escritas da História sobre a Instrução na Parahyba oitocentista*, plano de trabalho *O que escreveram os jornais e a literatura acerca da instrução na Parahyba Oitocentista*. PIBIC/CNPQ, 2009/2010, do bolsista Thiago Oliveira de Souza.

Referências

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALVES, Luiz Nunes. *História da Paraíba em verso*. Ed. II. Edição comemorativa do 4º centenário de Fundação da Paraíba. Fortaleza, BNB, 1984.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- FELIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. 2ª Ed. Passo Fundo: UPF, 2004.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. A organização de arquivos e a construção da memória. In: Saeculum – N. 1. de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jul./dez. 1995.
- GONÇALVES, Regina Célia. *A História e o Oceano da Memória: algumas reflexões*. In: Saeculum – N. 4-5. Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan. 1998/dez. 1999. PP. 13-39.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. 3. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. pp. 423-484.
- LUCENA, Iveraldo. *Nas veredas de um andarilho: Bananeiras, Educação e Cultura*. Edições Unipê, João Pessoa, 2003.
- JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2. Ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *Memórias, percursos e reflexões*. In: Saeculum. N. 18. Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan./jun., 2008, PP. 187-208.
- PAOLI, Maria Célia. *Memória, História e Cidadania: o direito ao passado*. In: São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania. DPH, 1992, p. 25-28.
- PEREIRA, João Batista. *Sobre história e literatura*. In: Saeculum. N. 20. Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan./jun., 2009. pp. 119-128.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos. V.5, nº 10. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992. PP. 200-212.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. Topbooks. 2^a edição. Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Manuel Luiz da. *Bananeiras – Sua História, Seus Valores*. Gráfica do Ipê. Bananeiras, PB. 1997.